

Leandro Konder e Lukács¹

À medida que estas notas iam tomando corpo, contra minha vontade se impôs cada vez mais um caráter de depoimento pessoal, longe do texto analítico que gostaria. Ao final, devo iniciar reconhecendo o inevitável: minha enorme simpatia e compadrio ideológico para com o Leandro lukácsiano me impedem de redigir um texto com o menor "distanciamento" acadêmico. Desde logo, portanto, não pretendo driblar o leitor: o que ele tem à frente não vai além de umas poucas observações marcadas por esta proximidade afetiva com a figura de Leandro Konder.

Por não poucas vezes, ao longo dos últimos meses, me perguntei pela origem e como pôde se desenvolver tal conexão afetiva com nosso homenageado. Nos encontramos pessoalmente umas poucas vezes, que me lembro, em três oportunidades. Nossa convivência pessoal não vai além destes poucos contatos, todos eles muito recompensadores, mas também fugazes. Sequer nossas casas nós conhecemos. Participamos de tradições políticas completamente distintas. O que, então, me liga a Leandro a ponto de tornar impossível um texto acadêmico no qual seja ele o foco?

Talvez a chave para a compreensão desta 'misteriosa ligação' tenha sido dada pelo próprio Leandro. Em um dos nossos encontros, por ocasião de minha defesa do doutoramento (lembro-me ter comentado ser a sua sexagésima sexta participação em banca), começou ele sua arguição afirmando ser minha tese um texto apaixonadamente lukácsiano, o que o fazia reviver um certo 'pathos' no qual reconhecia a si próprio e ao Carlos Nelson Coutinho (também na banca) de alguns anos atrás. Talvez este meu envolvimento com Leandro tenha aí sua raiz: encontro em mim o profundo desejo de ter podido contar com um companheiro de investigações da *Ontologia* de Lukács que tivesse o perfil do Leandro da década de sessenta. Um horizonte cultural dos mais amplos e claramente alinhado com o marxismo, uma generosidade pessoal legendária para aturar minhas limitações, uma arguta inteligência para encontrar o mais oculto do texto, um bom senso político para saber como se conduzir no difícil emaranho de determinações que é a vida cotidiana. E, *last but not the least*, uma vida cheia de 'causos', daqueles 'causos' que apenas a luta pela liberdade pode pontuar uma vida, para tornar ainda mais saborosa uma boa garrafa de vinho em mais uma noite memorável.

¹ Publicado em PINASSI, Maria Orlanda. (Org.). *Leandro Konder: a revanche da dialética*. Ed. Boitempo, São Paulo, 2002, p. 103-121.

Provavelmente está aqui a raiz da minha incapacidade em tratar Leandro como um objeto acadêmico: falar dele é, em larga medida, falar da falta que um tal Leandro faz a mim, pessoalmente e, acredito, a todos os que atualmente se debruçam sobre a obra de Lukács. É por isso que, em larga medida, falar de Leandro é também se referir à minha própria vivência - e aqui a distância acadêmica se transforma na mais clara impossibilidade.

Nesta dimensão marcadamente pessoal, uma questão tem chamado minha atenção: a especulação acerca das razões que conduziram Leandro a Lukács.

Há aqueles que consideram que a aproximação de Leandro a Lukács tenha tido por motivação mais profunda a circunstância política que impunha a necessidade de uma 'frente ampla' para a luta contra a ditadura militar mesmo antes do AI-5. Naquele contexto, quando mais que o confronto capital/trabalho era a luta pela liberdade democrático-burguesa a possibilidade imediata para a ação dos revolucionários, argumentam alguns que as teorizações estéticas do pensador húngaro (lembremos que, então, a *Ontologia* não passava de um impreciso rumor de que Lukács estaria escrevendo um denso texto filosófico), ao tomarem o gênero humano e não as classes como categoria analítica central, serviria como uma luva para esta necessidade política de unificar diferentes setores e classes ao redor de uma plataforma política democrático-burguesa. E se, lá vai o velho Dimitrov, a plataforma de uma frente tem que ser o programa máximo do setor mais atrasado que se quer na aliança política, nada mais adequado do que o 'reformista' Lukács, que colocaria o gênero acima das classes, para fundamentar a política cultural de uma estratégia política que deveria abarcar um leque ideológico muito mais amplo que as forças socialistas.

Há vários equívocos nesta apreciação da estética de Lukács, e a alguns deles nos voltaremos em seguida. Contudo, retrospectivamente, não menos equívocos podem ser localizados na política de aliança² então perseguida pelo velho Partidão. Ainda que a questão não possa nem deva ser colocada apenas neste termo, e ainda que sequer seja este um aspecto resolutivo das complexas mediações que atuam neste caso, não é falso reconhecer que as concepções de fundo presentes nesta práxis política não apenas tornaram as críticas do PCB ao foquismo montante nos anos sessenta

² Para esclarecer: equívocos não na necessidade de um amplo leque político de caráter democrático, mas em como concebia-se o comportamento das forças revolucionárias no interior deste leque.

menos eficazes do que sua correta antecipação da completa inviabilidade desta estratégia revolucionária poderia ter propiciado, como ainda foram estas mesmas concepções que fundamentaram a postura claramente negativa do PCB para com o movimento operário do ABC nos anos de 1976-1980. A estratégia de transição 'pelo alto' terminou por colocar o partidão numa situação política insustentável já vários anos antes de sua auto-extinção.

Podem, contudo, as concepções estéticas de Lukács serem responsabilizadas como fundamento teórico de tal estratégia de luta contra a ditadura? E, portanto, poderia a aproximação de Leandro com Lukács ser explicada desta perspectiva meramente instrumental e política? A respostas às duas questões é um peremptório não.

Por um lado, porque tanto do ponto de vista teórico mais geral, como do ponto de vista político mais imediato, tomar o gênero humano como categoria ontologicamente central da obra de arte não tem por consequência, em Lukács, a desconsideração da imprescindível mediação das classes sociais para a própria reprodução humano-genérica em um dado período histórico, aquele marcado pela exploração do homem pelo homem. Em outras palavras, como a distinção entre o universal e o particular não é realizada, em Lukács, pela diferenciação do *quantum* de ser de cada um deles, mas sim pelos níveis de generalização operados pelo próprio real; como, por isso, o universal e o particular são igualmente existentes, são distintas dimensões, com o mesmo *quantum* de ser, da realidade no seu desdobramento histórico, processual - por estas razões afirmar a centralidade ontológica do gênero humano para a estética não abole nem cancela as classes. Elas continuam absolutamente reais. E, surpreendentemente para aqueles que consideram que o gênero cancela a classe, ao reconhecer a mediação decisiva das classes sociais sobre o desenvolvimento do gênero, Lukács concede uma presença muito maior das classes no desenvolvimento histórico do que as outras concepções que desconsideram a ação das classes sobre o gênero. Dito de outro modo, colocar o gênero como categoria esteticamente central tem como consequência não desprezível tornar a ação das classes sobre a história ainda mais ampla do que seria possível em qualquer outra concepção que procurasse cancelar o gênero a partir da particularidade das classes.

Reconhecer o caráter de classe de Beethoven - nitidamente burguês - não implica em desconhecer ser ele, justamente por ser burguês, um elo decisivo do desenvolvimento da humanidade enquanto uma esfera ontológica capaz de um ser-para-si crescentemente explicitado e que, por isso, é capaz dos 'mais generosos sonhos e dos mais terríveis pesadelos'. Apenas

por ser burguês pode Beethoven ter a função histórica que o particulariza enquanto músico; cancelado o seu caráter de classe desaparece igualmente a possibilidade de ser ele momento do desenvolvimento da humanidade a patamares superiores de sociabilidade. Em suma, o caráter particular, de classe, de Beethoven é tão real quanto a dimensão universal de sua obra; um apenas pode existir como momento da realização da outra. Tal como no plano ontológico mais geral, a universalidade e a particularidade de Beethoven são igualmente reais e apenas existem em determinação reflexiva.

Neste preciso sentido, a centralidade estética do gênero apenas pode se afirmar, no período histórico em que perdurar a exploração do homem pelo homem, pela mediação das classes sociais - e daqui nenhum "reformismo" pode ser deduzido de forma necessária. Nem foi esse o movimento teórico de Leandro, para não dizer de Sergio Henriques, José Paulo Netto e Carlos Nelson Coutinho. O reformismo do PCB e sua estratégia possuem outros fundamentos históricos e teóricos que não o pensador húngaro e, também por isso, a aproximação de Leandro a Lukács não pode ser explicada a partir deste eixo.

Apontar, como fundamento teórico do reformismo e da estratégia 'pelo alto' da ação do PCB na luta contra a ditadura, a centralidade do gênero na estética lukácsiana não é apenas um equívoco histórico, como ainda uma grave incompreensão do pensamento do filósofo húngaro. E, ainda que por vezes a história seja tão surpreendente que pareça dar razão ao mote 'Deus escreve certo por linhas tortas', até o momento não é este o caso nesta questão: deste duplo equívoco não surgiu a possibilidade de uma correta compreensão do movimento de aproximação de Leandro a Lukács.

Do mesmo modo, o afastamento de Leandro das concepções lukácsianas não parece ser explicável apenas pela mediação da política: antes parece ter raízes numa profunda alteração de sua concepção de mundo marcada pelo crescimento das dificuldades de afirmação do 'fator subjetivo' revolucionário no contexto em que o aprofundamento das contradições e da crise do capitalismo a partir dos anos de 1970 deveria resultar no exato oposto. Algo como se a crescente cooptação do movimento operário aos horizontes burgueses em um contexto em que a crise intensificava as contradições inerentes ao capitalismo, contradições que deveriam ser o fundamento objetivo da consciência revolucionária das massas trabalhadoras, provasse haver uma autonomia muito maior do fator subjetivo do que o conferido pelas concepções lukácsianas. Este é, me parece, o mote teórico - talvez o alto preço a ser pago pelo bom senso e

realismo políticos de Leandro - que o conduz à *Derrota da Dialética* e seus escritos posteriores.

Ao contrário da motivação meramente política, instrumental, o que atraiu Leandro, e não apenas ele, a Lukács foi uma concepção de mundo que permitia romper concomitantemente com o estruturalismo montante - pode um texto como *O Estruturalismo e a Miséria da Razão* de Carlos Nelson ser mais eloqüente neste sentido --, com o liberalismo burguês em todas as suas vertentes e com o marxismo da vulgata stalinista, ainda representado pesadamente, em teoria e por pessoas, na estrutura do PCB. A concepção lukácsiana, contra todas as importantes correntes teóricas do período, afirmava a possibilidade da revolução a partir das ações humanas. Ao fazê-lo recusa as interpretações que tomavam a revolução como uma necessidade absoluta baseada no desenvolvimento automático das forças produtivas (do althusserianismo aos manuais soviéticos) ou, em outro pólo, como uma impossibilidade absoluta devido à eterna e insuperável essência de proprietário privado dos homens. Sendo mais claro, o que atraiu a meu ver Leandro a Lukács foi a possibilidade de colocar no centro do fazer a história o homem concreto, historicamente determinado. Se, para o estruturalismo, o indivíduo é um mero *Träger* (suporte, tal como a coluna suporta a ponte) das estruturas; se para o liberalismo há uma essência de proprietário privado que a humanidade não pode superar, o que faz do mercado e da democracia burgueses o limite máximo e mais civilizado do desenvolvimento humano; para Lukács os homens fazem a sua história enquanto indivíduos, enquanto classes e enquanto gênero, ainda que 'em circunstâncias que não escolheram'. E, nesta medida, serão eles os demiurgos da emancipação - ou esta jamais virá a ser. Esta tensão entre a determinação histórica e a efetiva ação de retorno dos indivíduos - bem como das classes e outras particularidades sociais - sobre o desenvolvimento dos processos históricos é explorada por Lukács com soluções inovadoras (o seu "retorno a Marx") e que superam em muito as formulações estruturalistas ou liberais. É aqui, exatamente nesta tensão, que está o solo genético de uma série de complexos sociais, mas especialmente da arte. Eu apostaria na hipótese de que foi isto que tornou Lukács tão importante para o debate teórico dos anos de 1960 - bem como para os nossos dias, mesmo que pela mediação de outras questões - e, foi a atração por esta concepção de mundo mais geral que fez de Leandro um pioneiro entre os lukácsianos brasileiros. E, não, as necessidades oriundas de uma política de frente multi-classista para a luta contra a ditadura. Do mesmo modo, foi a necessidade de conferir maior autonomia à

subjetividade - antes que as questões meramente políticas - que levam Leandro a outros pensadores e correntes teóricas contemporâneas.

Ainda que muita água tenha passado por debaixo da ponte, tanto no que diz respeito às investigações dos textos de Lukács - a publicação da *Ontologia* na década de 1970-80 colocou este debate certamente em um novo patamar -, como no que se refere ao próprio momento histórico (o aprofundamento da crise do capital, com o conseqüente desaparecimento do bloco soviético, para ficarmos com a formulação de Mészáros); mesmo que Leandro tenha evoluído para posições teóricas bastante distintas, não consigo evitar a tentação de imaginar que maravilhoso seria poder hoje contar, na pesquisa da obra lukácsiana, com um intelectual com o porte pessoal e teórico de Leandro. Entre os que hoje estão envolvidos nesta tarefa - e apaixonante aventura, claro - nenhum de nós possui um conhecimento seguro da *Estética*, nenhum de nós possui o horizonte intelectual e a formação teórica de Leandro, nenhum de nós herdou a tradição cultural polarizada antes pelo PCB, nenhum de nós possui a maturidade pessoal e a generosidade lendária do nosso homenageado. Que maravilhoso seria, por exemplo, contar com alguém que fosse capaz de explorar a articulação entre a lógica da particularidade que Lukács condensa nos anos 1950 com o tratamento da mesma questão tal como a encontramos na *Ontologia* sob a forma da determinação reflexiva entre essência/fenômeno, para ficarmos em apenas um exemplo. Estas e outras 'tentações' não me permitem terminar estas notas, absolutamente pessoais, sem uma certa nostalgia de um tempo que não vivi: que falta me faz o lukácsianismo de Leandro!